

Pânico de nada : A arte de Don L na batalha digital

Hiasmim da Silva do Espírito Santo¹

Resumo

O rapper Don L impactou a cena com seu álbum Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2, refletindo sobre uma revolução socialista brasileira e os efeitos de se pensar a história do Brasil em três tempos: passado, presente e futuro. Dentro do repertório que o músico apresenta, observa-se uma estética sonora, visual e poética que destaca o campo de pensamento socialista brasileiro. Nesse sentido, o que Don L está nos mostrando em sua arte e como essa arte se insere na batalha digital pela história? A análise que estou propondo recorre a Walter Benjamin, Lélia González e Frantz Fanon para tentar responder essas questões e entender a realidade das disputas políticas brasileiras sob a ótica do colonialismo digital. Assim, Don L abre um horizonte político ao se inserir nessas disputas sobre história e memória.

Palavras-chave: Batalha digital; Don L; Revolução Socialista Brasileira.

Abstract

The rapper Don L made a significant impact on the scene with his album Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2, reflecting on a Brazilian socialist revolution and the effects of thinking about Brazil's history in three temporal dimensions: past, present, and future. Within the repertoire the artist presents, one can observe a sonic, visual, and poetic aesthetic that highlights the field of Brazilian socialist thought. In this sense, what is Don L revealing to us through his art, and how does this art fit into the digital battle over history? The analysis I am proposing draws on Walter Benjamin, Lélia Gonzalez, and Frantz Fanon to address these questions and to understand the reality of Brazilian political disputes through the lens of digital colonialism. Thus, Don L opens up a political horizon by engaging in these struggles over history and memory.

Keywords: Digital Battle; Don L; Brazilian Socialist Revolution.

¹ Mestranda no programa de História da Universidade Federal do Espírito Santo com bolsa Fapes. Integra o Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (LETHIS - UFES) e faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Filosofia (NEPEFIL-UFES). E-mail: Hiasmim.hist@gmail.com.

Introdução

O artista contemporâneo, Don L, no ano de 2021, trouxe ao mundo *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2*, que traz inúmeras mensagens sobre o futuro, presente e passado. Nesse sentido, é possível fazer uma leitura histórica do álbum de Don L e mais precisamente da música “*Pânico de nada*” contida neste álbum. Quem é esse tal de “seu chapa Don L”? Gabriel Linhares da Rocha, também conhecido como o último bom malandro, nasceu em Brasília, no Distrito Federal, mas se mudou para Fortaleza no Ceará aos quatro anos². O músico fez história em Fortaleza com o grupo de Costa a Costa. No ano de 2013, lançou sua primeira mixtape *Caro Vapor – Vida e Veneno de Don L* já em São Paulo e no ano de 2017, lançou o *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 3* e em 2021, a célebre obra a qual este artigo visa, com humildade, observar alguns aspectos *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2*. Sendo interessante destacar que o nome Aïnouz não é algo solto, pois Karim Aïnouz é um diretor de cinema e roteirista brasileiro. Enquanto escrevo este artigo, o rapper acumula mais de 600.000 ouvintes mensais no Spotify³.

Qual a conexão do músico com uma batalha digital? Receio que em meio a um cenário de disputas digitais com inteligências artificiais que geram imagens, vídeos, sons e até textos, produzir algo que vá em direção à construção de um mundo coletivo e com equidade social é difícil. Pensando nisso, esse trabalho busca destacar essa habilidade de Don L e a relação que ela tem com a história e em uma leitura ou releitura crítica demonstrar como isso se insere no mundo digital das ideias.

Figura 1: Don L apresentando a música auri sacra fames no Espírito Santo.

² Essas informações foram obtidas na página: <<https://www.letras.mus.br/blog/biografia-don-l/>>. Data de acesso: 20/08/2024.

³ Esse dado foi obtido através do Spotify. Link:<<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/6U98XWjrUPnPtPBjEprDmu>>. Data de acesso: 20/08/2024.



Fonte: Essa foto foi tirada por mim, no Festival Movimento Cidade que aconteceu no Espírito Santo no dia 17 de agosto de 2024.

Para efetuar a articulação entre a ideia e a crítica são utilizados os autores Walter Lippold e Deivison Faustino em seu livro *Colonialismo Digital: Por uma Crítica Hacker-Fanoniana*; Lélia Gonzalez em seu artigo *A categoria político-cultural de amefricanidade*; Walter Benjamin em seus escritos *Teses sobre o conceito de história* e Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*, *Alienação e liberdade* e *Os condenados da terra*. Por que falar de batalha digital? O mundo contemporâneo possibilitou novas formas de interação social, dentre elas, aquelas que acontecem *just in time*, ou seja, redes como Instagram, Whatsapp, Telegram e outras que possibilitam a troca de mensagens, notícias, fatos, fakes, vídeos e até mesmo conteúdos gerados por inteligência artificial de forma instantânea. Esse fato, dentro da sociabilidade humana, tornou evidente uma questão mais delicada que já fazia parte do cotidiano social antes das redes, as disputas de narrativa, disputas políticas e até mesmo disputas pela memória. A presente época em que as eleições estão passando por mudanças que acompanham a tecnologia, uma nova forma de se fazer política emerge, pois de acordo com Lippold e Faustino (2022, p.66), “Caso os governos não cooperem com seus interesses, as Big Techs dispõem de meios para influenciar eleições e acontecimentos políticos de modo a moldar

padrões globais que sirvam aos seus modelos de negócios”⁴, ou seja, há um disparate de notícias, imagens e vídeos que bombardeiam em tempo real uma população por parte dessas empresas que desejam manipular a opinião popular contra o governo através da internet e não somente nela.

Desta forma, há um agenciamento digital de demandas que influenciam debates, costumes, comportamentos psico-sociais e tudo isso se integra a uma perspectiva de mundo que pode assumir um caráter progressista ou reacionário, neste sentido, há uma batalha digital acontecendo neste século em *just in time*. Adentrando nesse tópico, a arte de forma geral também tem grande impacto. O *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2* produzido por Don L em 2021, demonstra em suas apresentações a estética revolucionária, mas de uma revolução muito singular, dado que é brasileira e visa compreender os caminhos que o Brasil pode oferecer para um avanço da classe trabalhadora. Pensando nisso, a Figura 1 demonstra que além do conteúdo que a gente vê no YouTube até as apresentações do Don L, visam destacar que a estética revolucionária brasileira é algo a ser repensado com as particularidades do nosso país por ser composto por características históricas singulares, ou seja, não se trata de recriar uma revolução socialista, mas de pensar como fazer alguma que se aproxime de forma fidedigna da História do Brasil. Se Don L, ocupa um espaço que promove essas ideias, ele está em uma batalha digital.

O que Don L tenciona em *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2* ?

(Re)pensar o imaginário social brasileiro é a leitura que faço sobre o álbum. O fato é que a obra de Don L perpassa uma reflexão profunda sobre a sociedade brasileira, dentre os apontamentos, até mesmo o cristianismo é analisado pelo rapper em torno de uma disputa política, social e ética que se reflete na música *Vila Rica*. O músico tenciona que enquanto aquilo que eles se referem como deus ser uma manifestação da cobiça pelo dinheiro acima de todas as coisas, como se pode ver na letra “seu Deus é o tal metal, é o capital, é terra banhada a sangue escravizado” (DON L, 2021b), Jesus não estaria do lado dessas pessoas e suas letras buscam retratar Deus ao lado dos oprimidos explorados por essas pessoas por isso ele também diz que

⁴ LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 14, n. 2, p. 56-78, 2022. Página 66.

“Jesus não estaria do seu lado, faria mais sentido estar comigo, Jesus não estaria do seu lado, faria e faz comigo a justiça” (DON L, 2021b). A provocação para (re)pensar a sociedade brasileira já começa no interlúdio do pastor Junior Trovão falando sobre a história:

Você tem que entender que enquanto você não for capaz de contar a sua história, sua história vai virar uma piada na boca do Diabo, sua história vai virar uma peça teatral, pro Diabo apresentar e fazer você chorar. Agora, o dia que você fizer as pazes, e contar: - E morreu? - Eu morri mesmo. Mas você tem que lembrar: o terceiro dia, eu ressuscitei, eu vivo, é a minha história, eu carrego ela. Quem tá me entendendo levanta a mão abre a boca e dá o glória da vitória!⁵

Nesse momento, através do som, o músico convida todos os ouvintes a repensar a história do Brasil e não ter vergonha dela em simultâneo, que também demonstra como o cristianismo pode ser revolucionário e propõe uma leitura por lentes do operário sobre essa manifestação religiosa. Essa abordagem é muito similar àquela proposta por Walter Benjamin (2012) em seu *Teses sobre o conceito de história*, quando ele nos diz: “só terá o dom de atirar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver aprendido isto: nem nossos mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer”(BENJAMIN, 2012, p.12). Afinal, aos algozes a escrita e a produção do fazer histórico sempre estiveram acessíveis ou até mesmo controlados por eles. No entanto, raramente se observam as vítimas falarem na história de modo geral. A proposta de contar uma história que parta da colonização, mas que faça raízes em um pensamento decolonial e se inscreve politicamente nas linhas que seguem as faixas, atira esperança. O álbum retoma inúmeras vezes, nas histórias que não são tão contadas assim, pelo menos, não de forma explícita e cita nomes importantes para o pensamento de esquerda.

O disco tem toda essa temática que volta ao Brasil Colonial, tem uma ambição decolonial no bagulho, com toda minha humildade possível de que isso é uma proposta, uma tentativa. O colonialismo só foi possível com uso da religião, principalmente deturpando as ideias de Cristo. Com o imperialismo norte-americano vem o neo pentecostalismo protestante que é um lance mais liberal e isso foi usado pela direita para formar esse golpe que é um processo de recrudescimento da construção, que eu acredito ser praticamente linear desse Brasil, que vem dando certo pra essa parcela de classe dominante. Luther King foi pastor, Malcolm foi pastor. Vários

⁵ O interlúdio pode ser lido aqui: <<https://genius.com/Don-l-interludio-1-lyrics>>. Data de acesso: 22/08/2024.

revolucionários eram religiosos e Jesus Cristo era um deles. Em primeiro lugar, a figura de Cristo está em disputa (DON L, 2021a⁶)

Don L evoca a religião como parte central para se pensar o Brasil e que sem ela, não seria possível entender certas nuances dado que a religião é uma parte íntima do sujeito, mas também é uma cosmovisão que interfere na sua relação com o mundo. A ideia de trazer um pastor é genial na medida em que a religiosidade também pode ser uma ferramenta de transformação da realidade, uma vez que, figuras como Malcom X e o pastor Martin Luther King demonstraram como a religiosidade também poderia estar aliada aos oprimidos. O Brasil já vivenciou uma religiosidade cristã aliada aos oprimidos por meio de movimentos ligados a teoria da libertação⁷. Cristo está em disputa na medida em que a cristianização empregada pelo colonialismo é uma força que visa esmorecer todo pensamento que tenha suas bases fora da realidade europeia, ou seja, no bíblico, segundo o evangelho de Matheus, capítulo 25 e versículo do 35 até o 45:

Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram'. "Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?' "O Rei responderá: 'Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram' (BÍBLIA ON, 2009).

Porém, não é essa ajuda aos necessitados que ocorre nas terras brasileiras, por isso, Jesus Cristo está em disputa interpretativa na obra de Don L:

Depois do massacre ergueram catedrais

Uma capela em cada povoado

Como se a questão fosse guerra ou paz

⁶ Trecho retirado da entrevista que Don L concedeu ao portal Monkeybuzz. Disponível em: <<https://monkeybuzz.com.br/materias/don-l-faz-politica-e-rap/>>. Data de acesso: 20/08/2024.

⁷ O maior expoente da Teologia da Libertação que tenho conhecimento é o Leonardo Boff. Ele já produziu vários textos sobre isso e destaco a recente entrevista “A teologia da libertação já foi além da igreja católica”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070508_boffd#:~:text=Leonardo%20Boff%20afirmou%20que%20que,a%20Teologia%20da%20Liberta%C3%A7%C3%A3o%20morreu.%E2%80%9D>. Data de acesso: 23/12/2024.

Mas sempre foi guerra ou ser devorado
Devoto catequizado
Crucificar em nome do crucificado
Seu Deus é o tal metal, é o capital
É terra banhada a sangue escravizado
Jesus nunca estaria do seu lado
Não estaria do seu lado (DON L, 2021b)

Don L, traduz nitidamente algo que Lélia Gonzalez nos instruiu da seguinte maneira:

Os aspectos culturais e políticos das relações raciais demonstram como o branco afirmou sua supremacia às expensas e em presença do negro. Ou seja, “além da exploração econômica, o grupo branco dominante extrai uma mais-valia psicológica, cultural e ideológica do colonizador” Que se pense, no caso brasileiro, nos efeitos da ideologia do branqueamento articulada com o mito da democracia racial (GONZÁLEZ, 2020, p.33)

O trecho musical do rapper, pode se remeter também a ideia de Fanon sobre o processo colonial na medida em que é o domínio colonial é a desumanização em massa dos colonizados e a ratificação da necessidade da criação de uma mentalidade na qual os colonizadores são por excelência soberanos ética e moralmente, dessa forma, vendo sua cultura ser aniquilada, o colonizado fica a mercê dos colonizadores, uma vez que, “Tendo julgado, condenado, abandonado as suas formas culturais, a sua linguagem, a sua alimentação, os seus comportamentos sexuais, a sua maneira de sentar-se, de repousar, de rir, de divertir-se; o oprimido, com a energia e o desespero do naufrago, arremessar-se sobre a cultura imposta” (FANON, 2019, p.74). Todavia, o rapper propõe um caminho contrário a esse da colonização. O caminho de enfrentamento as armas da colonização e os sujeitos que a ela defendem:

A tomar todo o ouro que eu preciso
Saquear engenhos no caminho
Matar os soldados do rei gringo
E nunca poupar um sertanista
É disso que eu chamo cobrar o quinto

Num bate de frente que o bonde tá bolado
Na mata fechada de tocaia
Uns caras de isca, as minas de carabina

O terror dos bandeirantes

Trombou com nossa cavalaria, chacina (plow) (DON L, 2021b)

Essa façanha de Don L, de pensar passado, futuro e presente com uma “lente” socialista, é ótima para que se possa entender que sem a compreensão ou a dimensão histórica, o sujeito é oco, ou seja, vazio de um direcionamento. Como diria Fanon:

Quem considera que o presente não tem valor e que somente o passado deve nos interessar é, em certo sentido, uma pessoa a quem faltam duas dimensões e com a qual não se pode contar. Quem acha que é preciso viver o agora com todo ímpeto e que não devemos nos preocupar com o amanhã nem com o ontem pode ser perigoso, pois crê que cada minuto é separado dos minutos vindouros ou dos que o precederam e que não existe nada além dele mesmo no planeta. Quem se desvia do passado e do presente, quem sonha com um futuro longínquo, desejável e desejado, também se vê privado do terreno contrário cotidiano sobre o qual é preciso agir para realizar o futuro desejado. De modo que, como se pode ver, uma pessoa deve sempre ter em conta o presente, o passado e o futuro (FANON, 2020, p. 265)

A questão da percepção política que assenta passado, presente e futuro também pode ser observada no seguinte trecho:

Eles que mataram, escravizaram, torturaram na cela

E confinaram na favela (milhões nossos)

Depois querem recontar a história

E me negar os fatos

Eu prefiro recontar os corpos

Pra gente medir o estrago

Se quiserem me negar os fatos

“Magina” se iriam dividir os pratos

“Magina” se iriam dividir a prata

Eu prefiro recontar os corpos

Pra gente medir o estrago (DON L, 2021c)

Don L convida os ouvintes a entender quem são “eles” e também entender que historicamente como diria Benjamin (2012), os algozes que vencem disputas políticas são aqueles que contam essas histórias, ou seja, o apagamento e o silenciamento é algo comum, sendo necessário “recontar os corpos, pra gente medir o estrago”. Nesse sentido, se pode acessar a essa chave de leitura, na qual o rapper propõe um pensamento revolucionário por parte desses sujeitos

oprimidos que não teriam acesso nem a sua própria história e será a base deste trabalho enquanto:

Pra vítima nós não tem vocação
Paz no caos de quem não tem opção
Filha da puta, sai da frente
A não ser que cê queira morrer defendendo bens
De quem tirou tudo da gente
Quem colhe e quem planta é você
Mas quem engorda é ele
Nós fica sem nada e divide
Tô cansada de ser refém
Hoje é nós que vai render, ãhn
Na contenção, de canhão na mão
Cada um na sua posição
Redobrando a atenção
Hoje nós não perde
Pode vir que nossos traumas nos deixaram brutal
Morte em vida é viver debaixo da sua bota
Miséria é o rastro que vocês deixam onde passam
Negócio de branco é peculato (DON L, 2021d)

Todos esses versos abrem a discussão para a questão da necessidade de questionar o acúmulo de capital e a sua relação com a exploração da população comum. Por isso, receio que esse trecho expresse o caminho pelo qual o músico escolhe representar politicamente uma ideologia que seria a socialista e as respostas delas as reflexões que ele propõe ao Brasil.

Interpretando a música “Pânico de nada”: O dia da revolução socialista brasileira?

Pânico de nada, seria ou será, o dia de triunfo da revolução brasileira, ou seja, é uma música que se passa no futuro do Brasil de Don L:

Eu vejo uma viatura em chamas (luta pra todo lado)
(Primeiro passo, diga, primeiro passo)
Quatro favelados na Ferrari

Um irmão de glock na capota
Quadrada na mão de todo bonde
(A cidade, olha a altura dos muros)
A cidade é nossa
A cidade é nossa
(Bora!) (DON L, 2021e)

Don L (2021e) chama atenção para violência policial no Brasil na primeira linha da música *Pânico de nada* (DON L, 2021e), pois a viatura é um veículo geralmente mobilizado por forças bélicas do estado, o que se reflete no fato dela ser incendiada na sua letra, indicando que na sua ideia de revolução, a segurança não se faz sem o povo e nem contra o povo. Logo em seguida fala desse povo que é marginalizado, no sentido de não viver com os mesmos recursos financeiros e poder estar de Ferrari e a cidade não ter mais seus aparatos de segregação espacial, ou seja, é tudo do povo para o povo. Muito diferente da atualidade:

[...] os espaços públicos das cidades contemporâneas são retalhados em diversos territórios plásticos e móveis, onde a princípio temos a impressão de que as pessoas estão juntas, enquanto na verdade em um mesmo local permanecem separadas por limites simbólicos, barreiras demarcadas umas em relação às outras. Os locais de promoção do encontro se transpõem numa configuração que direciona para uma frequência regida por processos de segregação/segmentação (MONTEIRO, 2016, p. 16)

A ideia de um espaço que não siga a lógica de segregação/segmentação é interessantíssima, pois evidencia o quanto essa característica atenua desigualdades e promove que uma classe consiga aproveitar mais os benefícios da cidade do que outra.

Guerrilha urbana,
Guerra santa
Uma delegacia em chamas (vermes)
Nenhum carro na concessionária
Os vidros quebrados na entrada (agora, pastor, como é que eu posso...)
As joias de joalheria no pulso
O punho cerrado nas ruas (o que eu tenho que fazer pra viver a promessa?)
Nas ruínas da H.Stern
Achei um topázio, a cara dela
Combina com aquela 47

Da alça dourada que ela leva (DON L, 2021e)

Para o rapper, essa revolução não será consolidada apenas no discurso, mas será algo tomado pela força de todos os que foram marginalizados ou esquecidos. Uma guerrilha urbana para que todos tenham acesso não só aos bens de consumo primordiais, mas também as coisas que até então eram inacessíveis para uma parcela da população.

AK do Guevara ao meu alcance

A dela é Sankara e nosso lance

É África, América livre

Amor e luta

Queen & Slim em Cuba

Assata Shakur em New Jersey

Túpac Amaru II e Micaela (viver a promessa)

Se a gente morrer valeu a guerra (DON L, 2021e)

Don L traz nesse verso diversas referências históricas e as une formando um verso amefricano como diria Lélia Gonzalez (1988), na medida em que, destaca a luta da população negra e indígena para se manter vivos e também daqueles que morreram em busca de objetivos que fossem para a comunidade. Embora seu álbum comece com o interlúdio de um pastor, o rapper chama Xangô:

Pânico de nada

Eles sangram como eu sangro

Pânico de nada

Vai ser como quiser Xangô (DON L, 2021e)

Xangô é um orixá da cosmologia de mundo povos iorubás:

glorificado o nome de Xangô, o rei de Oiô, o orixá do trovão, senhor da justiça. De todos os orixás que marcam a saga da cidade de Oiô, nenhum foi mais reverenciado que Xangô, mesmo quando Oiô passou a ser apenas um símbolo esfumado na memória dos atuais seguidores das religiões dos orixás espalhados nos mais distantes países da diáspora africana do lado de cá e do lado de lá do oceano. E há muitos elementos para estribar essa afirmação (PRANDI; VALLADO, 2022, p. 444-445)

O fato de Don L chamar a justiça de Xangô é histórico e muito simbólico em meio a um país com inúmeros casos de racismo religioso. Nesse sentido, ao dar voz e dizer, quem pode julgar é aqueles que são oprimidos no caso, podendo ser interpretado, como todos os praticantes de religiões de matriz africana. O músico menciona nos versos que aqui foram interpretados uma concepção de história para aqueles que eram lidos como sujeitos subalternos da história oficial brasileira.

O que é uma batalha digital no Brasil e como Don L se insere nisso?

Uma batalha pressupõe que existam lados contrários, e como foi interpretado até o presente ponto do trabalho, Don L seria uma representação do conjunto de ideias socialistas, pensadas a partir da realidade brasileira em oposição a uma versão reacionária dessa história na qual aqueles e aquelas que aparecem nas letras do músico não são citados e o projeto político é outro. Há de se pensar, existe alguma música de Don L que retrate alguma disputa digital? A resposta é sim: a *trilha para uma nova trilha* que também compõe o álbum *Roteiro Pra Aïnouz*, Vol. 2.

Sangue pelo lítio do meu Samsung
Guerra por cobalto no meu Apple
Lendo sobre il Sung
Cinco propaganda sobre um paraíso em Cancun
Sério
Outro trampo no domingo
Eu tenho dormido pouco
E a conta não fecha
Ficar rico pra levar uma vida digna
Quantos conseguem?
E perder a dignidade nessa (DON L, 2021f)

Porém, o que isso tem a ver com a batalha digital? Segundo Lippold e Faustino (2023), tudo. Na medida em que não existe o mundo virtual sem o estabelecimento das bases reais desse mundo na materialidade das coisas, já que os componentes físicos de um celular precisam ser extraídos da natureza e até mesmo o local em que se reserva informações, os chamados servidores, ocupam um espaço físico real, bem como os cabos que viabilizam o acesso à internet. Nesse sentido, Don L apresenta um fragmento do que seriam essas novas lutas por acesso a esses componentes digitais, pois segundo Lippold e Faustino (2023, p.86), “como já foi dito, não há software sem hardware. Falta dizer que também não há hardware sem ouro, sem lítio, columbita e tantalita (coltan), cobalto, entre outras matérias-primas frequentemente extraídas de forma violenta de terras indígenas ou africanas pelo garimpo predatório”.

A batalha digital é nesse sentido algo que é comum do nosso cotidiano, uma vez que os aparelhos que permitem conectividade com essa rede digital são também componentes materiais que necessitam dessas matérias-primas. Vale destacar que geralmente esses detalhes passam despercebidos enquanto a própria lógica neoliberal (que o modelo social-político em que vivemos hoje) é uma lógica que não pensa o indivíduo em um coletivo, mas o sujeito como possuidor e controlador de si mesmo, acima dos demais, uma espécie de solidão no meio coletivo:

Pode-se dizer que o que caracteriza os modos de produção neoliberais é a solidão de indivíduos enquanto exploradores-de-si.[...] As classes não desapareceram, mas não são mais percebidas como tais. Seja em razão da dimensão ideológica do neoliberalismo, seja em razão do mimetismo que faz com que “os de baixo procurem se parecer com “os de cima” como forma de se proteger, há um ocultamento dos estratos antagônicos da sociedade, o que ajuda a estabilidade do sistema neoliberal (CASARA, 2021, p.131)

Uma parte dessa solidão pode ser também observada por meio da necessidade de se manter online e o quanto isso consome tempo para outros tipos de interação em outros espaços:

Todos, dizem-nos — não apenas empresas e instituições —, precisam de uma “presença online”, de exposição 24/7, a fim de evitar a irrelevância social ou o fracasso profissional. Mas a promoção desses supostos benefícios acoberta a transferência da maioria das relações sociais a formas monetizadas e quantificáveis. É também uma mudança das condições da vida individual que tornam a privacidade impossível e que nos transformam em local permanente de coleta de dados e vigilância. Acumulamos um mosaico de identidades substituíveis que subsistem

24/7, sem dormir, continuamente, como personificações inanimadas mais do que como extensões do eu (CRARY, 2016, p. 113-114)

Desta forma, a batalha digital é nítida uma vez que ela ocorre pela matéria-prima, pelo processo que constitui e constrói a ideologia do sujeito e também pela forma em que esse sujeito expressa sua subjetividade no chamado mundo virtual, pois segundo Klazura (2018, p.520) “as redes sociais tornaram-se campos de batalhas além das manifestações próprias de campanhas eleitorais, elementos das relações online foram incorporados nas disputas eleitorais. Há quem bloqueou, excluiu e adicionou pessoas, familiares e amigos nas redes sociais e tudo pelas disputas eleitorais”. Portanto, o Brasil tem esse espaço de embate e Don L se insere de forma crítica na medida em que percebe desde a problemática em volta dos recursos como também as contradições da vivência humana nessa lógica, uma vez que “Outro trampo no domingo, Eu tenho dormido pouco, E a conta não fecha” (DON L, 2021f) e seus ouvintes percebem que essa lógica retira a dignidade humana pela letra do músico “Ficar rico pra levar uma vida digna, Quantos conseguem?, E perder a dignidade nessa” (DON L, 2021f).

Há um horizonte político em disputa?

Don L (2021c) diz “depois querem recontar a história e me negar os fatos”, ele aponta para um silenciamento e apagamento cultural do seu ponto de vista na forma de fazer e divulgar a história, destacando a necessidade de “recontar os corpos, pra gente medir o estrago” indicando que várias pessoas foram vítimas na construção do país. O Brasil tem sofrido com o discurso de ódio online, que inviabiliza um diálogo tranquilo, e, além disso, ainda não encontrou meios completamente eficientes contra as notícias falsas disseminadas em alta velocidade e para grandes quantidades de pessoas, popularmente conhecidas como fake news. Tudo isso se configura também dentro da ideia de colonialismo digital proposta por Lippold e Faustino (2023) na medida em que há interesse do capital em elaborar os assuntos do momento.

O problema dos diálogos nas redes virtuais não é o debate, toda democracia só pode ser sustentada a partir de múltiplos olhares e sensibilidades sobre uma sociedade. Nesse sentido, o cerne fica nos problemas que envolvem perspectivas militares reacionárias à história do país

ou em configurações que evitam uma configuração social na qual não se debata lgbtfobia, o racismo, o genocídio dos povos originários e o racismo religioso, temas que são encobertos para a criação de uma perspectiva nacional única em um país que evidentemente é plurinacional na sua capacidade de conter diversas culturas e ideias em diferentes contextos políticos.

As minorias são alvo de ataque desses grupos, com 18% dentro desse eixo. Os atos preconceituosos contra minorias sociais (negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, idosos, moradores de vilas ou comunidades, portadores de deficiências e moradores de ruas) são alguns exemplos de ataques em páginas de extrema-direita (GRANJEIRO, 2021), e, que segundo a análise, se mostram evidentes nos perfis desses grupos, ainda que não seja o que mais evidencia os ataques à democracia. (MASSUCHIN; ORSO; SALEH, 2021, p.60)

Nesse sentido, o “recontar a história” é justamente este trabalho no qual as pessoas apagam os grupos minoritários. Se pode dizer que há uma disputa na memória do país uma vez que o rapper falar sobre “recontar os corpos, pra gente medir o estrago” e em contra-partida, se vê que “o preconceito chamado vitimismo, frescura ou mesmo de “mimimi” é uma forma de deslegitimação do sofrimento e da própria existência do outro enquanto sujeito merecedor de respeito” (DE OLIVEIRA; MAIA, 2020, p.102).

Se a memória envolve um comportamento narrativo, e a “narratividade” é necessariamente um processo mediado pela Linguagem – esta que em última instância é produto da Sociedade – tem-se aqui maior clareza de como a dimensão coletiva também interfere na Memória individual. Para além disso, com a consubstanciação da Memória através da linguagem – falada ou escrita – a Memória abandona o campo da experiência perceptiva individual e adquire a possibilidade de ser comunicada, isto é, socializada (BARROS, 2009, p.41)

Se pode pensar que existe um horizonte político que visa a participação dos favelados como diz a própria letra do músico; pertencentes a religiões de matriz africana; heróis indígenas e negros e outros grupos que se chamam de minoritários na mensagem transmitida por Don L e ele se posiciona em favor dessas relações em um cenário de disputas também pela memória como se observa nesse trecho de Barros (2009) na medida em que seu enredo busca reconstruir o imaginário social da história brasileira em meio a uma batalha digital que também demonstra conter confrontos ideológicos, uma vez que, há defensores do retorno da Ditadura Militar no Brasil:

O mito da Era de Ouro ressurge em tempos de mudanças e de incertezas, com a intenção de trazer a segurança inalterável das memórias do passado. No Brasil, com a ascensão da nova direita, é evidente o desejo de uma parcela da população por uma volta aos tempos de ordem, meritocracia e progresso – mesmo que na verdade não tenham sido reais – representado pelo período da ditadura civil-militar (1964 – 1985) (POPOLIN, 2019, p.292)

Portanto, um horizonte político revolucionário proposto por Don L e que visa não esquecer diversos grupos da sociedade brasileira entra em disputa com essa repercussão de extrema-direita que visa a volta da ditadura e dissolução dos grupos aqui mencionados, algo que é típico da luta entre história e memória:

Para questionar a memória, é preciso então reconstruir uma gama variável de interpretações da evidência que se pretende estudar. Somente assim, torna-se possível aproximar-nos da realidade então vivida, fugindo do perigo de um juízo moral que se antecipe ao resgate da evidência, contaminando a própria investigação. Reconhecer, antes de tudo, que o passado estudado foi vivido por grupos diversos, que construíram embates, concepções de vida, visões de mundo, projetos de sociedade, e muito mais (MOTTA, 2016, p.193)

Concluindo o raciocínio, como diria Don L, não se deve ter *Pânico de nada*. A ideia de (re)pensar a história brasileira transmitida em sua arte corrobora para uma construção mais com tons mais plurais e mais amefricanos para a atualidade. Adentrando esse tópico, receio que Xangô trouxe justiça aos esquecidos da história ao trazer em cena um nordestino com letras tão carregadas de ideias, nas quais é possível questionar o futuro, o passado e o presente da sociedade brasileira sob lentes decoloniais.

Considerações Finais

Qual é a realidade que esperamos? Acredito que, independentemente da resposta a essa pergunta, ela sempre terá que abarcar mais do que apenas os sonhos de um único indivíduo. Ou seja, é necessário pensar de forma coletiva em como o cenário pode ser ocupado coletivamente. No entanto, as disputas tecnológicas influenciam cada vez mais na formação do que seria esse horizonte político.

O problema não é a disputa ideológica, mas o lugar para o qual ela remete personagens que, até então, são esquecidos ou apagados da história. O grupo que é lido como minoritário — e

entenda-se por isso negros, povos originários, praticantes de religiões de matriz africana, pertencentes à comunidade LGBTQIA+ e outros que são vistos em oposição aos valores da heteronormatividade cristã e branca — é subalternizado nessa construção nacional.

A arte de Don L é o oposto dessa marginalização. Como dito anteriormente, o músico reflete sobre o passado, o presente e o futuro, incluindo todos os grupos lidos como minoritários, além de conferir a esses mesmos grupos o dever de (re)pensar a história brasileira sob uma chave decolonial, na qual as mudanças não são apenas possíveis, mas desesperadamente necessárias contra a estrutura de poder consolidada durante o período colonial, cujos aspectos atravessam a atualidade.

A polarização no Brasil e os discursos da extrema-direita, que configuram uma realidade completamente oposta à que Don L propõe, acabam sendo os movimentos antagônicos. Mas também ressaltam as críticas que suas letras provocam nos ouvintes. Um cenário em que o uso de fake news e a exaltação da Ditadura Militar entram em cena e são cada vez mais inflados pelo discurso de ódio. O confronto que menciono é entre essa concepção de um Brasil reacionário e a ideia proposta por Don L.

O álbum *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2*, na minha interpretação, reflete a luta pela construção de uma utopia que favorece um viés socialista revolucionário com ênfase nos aspectos do Brasil. A luta contra a colonização, que não apenas matou o corpo, mas também doutrinou o espírito, para que pudessem existir aquilo que é aceito e aquilo que é considerado errado, sempre do ponto de vista do colonizador. O álbum se coloca como um propulsor de grandes discussões sobre o que é a identidade nacional e qual a perspectiva política a ser adotada. Portanto, o músico coloca sua arte na batalha digital como quem não tem *Pânico de Nada*.

Referências

AURI SACRA FAMES. Compositores e intérpretes: Don L, Nave e Fabriccio com participação de Tasha e Tracie. In: *Roteiro para Aïnouz 2*. [S.l]: DonLMusic, 2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IQYjoIQQuQ1Q>. Data de acesso: 25/08/2024.

BARROS, José D.'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseion*, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. 2 ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2012. 303 p.
- BÍBLIA ON. Matheus 25:35-45 2009.
Disponível:<https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_25_35-45/>. Data de acesso: 22/08/2024.
- CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. 386 p.
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. 1. ed. São Paulo: Editora UBU, 2016. 114 p.
- DE OLIVEIRA, Bruna Silveira; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Redes bolsonaristas: o ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. *Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 22, n. 3, p. 83-114, 2020.
- DON L. Don L faz política (e rap) 2021a.
Disponível:<<https://monkeybuzz.com.br/materias/don-l-faz-politica-e-rap/>>. Data de acesso: 20/08/2024.
- FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Editora UBU, 2020. 400 p.
- FANON, Frantz "Racismo e Cultura" In. "MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel. **Revolução Africana**: Uma antologia do pensamento marxista. São Paulo: Autonomia literária. 2019. 416 p.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. Boitempo Editorial, 2023. 197 p.
- GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. (92-93), 69-82. 1988.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.
- KLAZURA, Marcos Antonio. Redes Sociais e Política: Um Campo de Disputas ou de Batalhas?. *Humanidades em Perspectivas*, v. 3, n. 2, 2018.
- LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 14, n. 2, p. 56-78, 2022.
- MASSUCHIN, Michele Goulart; ORSO, Maíra; SALEH, Dayane Muhlbeier. Valores antidemocráticos e ataque às instituições: comportamentos da direita on-line a partir da análise

das contas" Direita Brasil" e" Verde e Amarela" no Twitter. **Política & Sociedade**, v. 20, n. 49, p. 39-72, 2021.

MONTEIRO, Rafael Santos Da Luz. **Territórios no espaço urbano público: Um estudo de caso mas praias de Vitória e Vila Velha - ES**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo. 2016. 154 p.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 16, n. 17, p. 179-200, 2003.

PÂNICO DE NADA. Compositores e intérpretes: Don L e Nave. In: Roteiro para Aïnouz 2. [S.l]: DonLMusic, 2021e. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=I1GCdQOY1Vw>. Data de acesso: 25/08/2024.

PELA BOCA. Compositores e intérpretes: Don L, Nave e Fabriccio. In: Roteiro para Aïnouz 2. [S.l]: DonLMusic, 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfkcyHvOZCo>. Data de acesso: 25/08/2024.

POPOLIN, GUILHERME. INTERVENÇÃO MILITAR JÁ: OS MEMES DA INTERNET E O IMAGINÁRIO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR. IN: **Fluxos em redes sociotécnicas**: das micronarrativas ao big data. Diretora Editorial: Roseméri Laurindo Vice-diretor Editorial: Iury Parente Aragão Presidente do Conselho Editorial: Giovandro Ferreira (UFBA), p. 283. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Tarcizio-Silva-3/publication/338127340_Fluxos_em_redes_sociotecnicas_das_micronarrativas_ao_big_data/links/5e011a1d4585159aa495a0b7/Fluxos-em-redes-sociotecnicas-das-micronarrativas-ao-big-data.pdf>. Acesso em: 20/08/2024.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. Xangô, rei de Oiô. **Estudos Afro-Brasileiros**, v. 3, n. 2, p. 437-469, 2022.

TRILHA PARA UMA NOVA TRILHA. Compositores e intérpretes: Don L, Nave e Mateus Fazeno Rock. In: Roteiro para Aïnouz 2. [S.l]: DonLMusic, 2021f. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Oy7KDJSkOs>. Data de acesso: 25/08/2024.

VILA RICA. Compositores e intérpretes: Don L, Nave e Mateus Fazeno Rock. In: Roteiro para Aïnouz 2. [S.l]: DonLMusic, 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>. Data de acesso: 25/08/2024.

